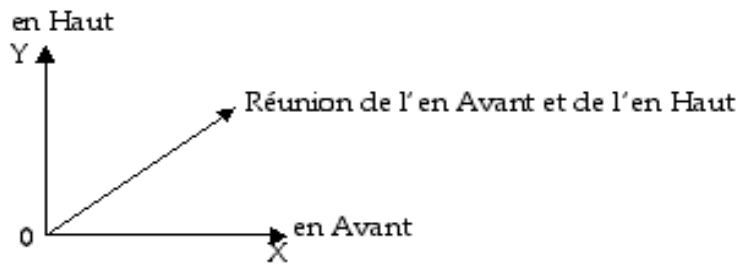


TEILHARD E O VATICANO II

Por R.P. Roger PRIGENT

«Para o Alto»



junção do
«Em Frente»
com
o «Para o Alto»

«Em Frente»

Vou servir-me deste esquema de Teilhard para a minha exposição.

O problema que se colocou a Teilhard é o seguinte: um mal-estar; qualquer coisa que «não batia certo» no nosso tempo entre o Homem e Deus, tal como hoje Ele é apresentado ao Homem.

Através deste esquema, Teilhard quer expor-nos o seu testemunho para resolver este problema, ele que teve o privilégio de viver, pela sua inserção profissional, nas zonas mais activas e livres do pensamento e da investigação (o mundo científico), aqui representadas pela ordenada designada «**Em Frente**» e, pela sua formação cristã, no coração da Igreja, representada pela abcissa «**Para o Alto**». Para ele, estas duas forças, as forças da criação, «em Frente», e as forças cristãs, «Para o Alto», que vivem afastadas umas das outras, podem, por simples **reajustamento**, sair do seu isolamento. «Tomada isoladamente, a Fé no mundo não chega para fazer mover a Terra Em Frente», mas, tomada isoladamente por sua vez, será que a fé cristã, no seu discurso antigo, ainda chega para erguer o Mundo às Alturas?

A visão do mundo de hoje mudou: o Cosmos tornou-se Cosmogénese, passámos duma paisagem estática a uma paisagem de movimento, em evolução.

Sigamos, então, o testemunho de Teilhard com a ajuda do esquema:

1) OX: «**Em Frente**»

«Tenho um “ego” pagão, diz ele, isto é, sou um filho da Terra, pelo meu temperamento e pela minha vida. O que eu descobri olhando o Universo foi, à partida, a matéria.»

A matéria com duas faces: uma face exterior, designada tangencial, e uma face que é uma realidade interior, a que Teilhard chama radial. No interior da matéria existe uma energia que acaba por se exprimir na vida. O cosmos não é, pois, uma realidade estática, antes uma realidade dinâmica, que se exprimirá pela emergência da vida. Esta evoluirá a partir da bactéria até ao cume da sua evolução, ou seja, o Homem. Este descobrirá o Espírito. E o Espírito, ao desenvolver-se, forma a noogénese ¹. Mas o nosso mundo é um mundo que

¹ “Do grego «*nous*», designa, no seio da evolução convergente, uma ascensão contínua de consciência no Universo, e, mais precisamente, a emergência da consciência reflexiva no homem, cuja evolução se prolonga por uma complexidade crescente polarizada pelo ponto Ómega.” (*Dictionnaire Teilhard de Chardin*, Gérard-Henry Baudry, Aubin, Saint-Étienne) - NT

não está acabado. Está em evolução. E, nesta marcha para a frente, existem patamares, «tateamentos» da matéria e do cosmos. Tateamentos que engendram falhanços. É a origem do mal, do mal físico: terremotos, doenças, sofrimento, e esse grande falhanço que é a morte, que é o grande obstáculo à marcha em frente do mundo em direcção ao ponto de convergência, fonte do seu dinamismo: o ponto Ómega. E há também o mal moral, o pecado, que, à sua maneira, destrói, mais ou menos, o Homem.

O ponto Ómega encontra-se, assim, em contraponto com o mal, tanto físico como moral. É a realidade. E é isso um fracasso? Tomada isoladamente, esta visão do Em Frente do Universo, do Cosmos e da Humanidade não é suficiente para fazer mover a Terra em frente.

Então, com Teilhard, olhemos a abcissa chamada de Para o Alto.

2) **OY: «Para o Alto»**

O olhar de Teilhard é sempre à partida um olhar de cientista, focando o fenómeno, apenas o fenómeno. Aqui, trata-se do fenómeno cristão: a Igreja. Esta realidade, que tem no seu seio um tesouro, Cristo, suscita ao mesmo tempo o olhar do crente. O Cristo: é o Verbo e a Palavra por quem tudo o que existe foi criado. Ele lançou o Mundo, um mundo em evolução, no tempo, na duração; um mundo que avança por etapas (tal como na geologia), donde brotou a vida, um mundo em Cosmogénese, donde brotou a biogénese que, chegada ao seu cume, o Homem, vai permitir o aparecimento do Espírito (a Noogénese). E é num determinado momento de toda esta evolução, ao cabo de milhares de milhões de anos, que, na Continuação da Criação, pela sua Incarnação, o Verbo irá consumir a sua Criação. Como diz Teilhard, no seu magnífico texto de 1924, *O Meu Universo: «Ele não esteve ausente durante o tempo imenso que precedeu o primeiro Natal, porque o tempo decorria sob o Seu influxo poderoso. É a geração do Seu espírito criador que revolve as massas cósmicas e suscita as primeiras aparições da biosfera. É a preparação do Seu nascimento que acelera a evolução do instinto e a eclosão do pensamento sobre a Terra. Não estranhemos, impensadamente, a espera interminável que o Messias nos impôs. Foram necessários os labores dolorosos e anónimos do Homem primitivo, a antiga beleza egípcia, a espera inquieta de Israel, o perfume lentamente destilado dos místicos orientais, a sabedoria cem vezes refinada dos Gregos para que, sobre a haste de Jessé e da Humanidade, a Flor pudesse eclodir. Toda esta preparação foi cósmica e biologicamente necessária para que Cristo surgisse na humanidade. E este longo e imenso trabalho foi animado pelo despertar activo e criador da Sua alma, porque esta alma humana fora destinada a animar o Universo. Quando Cristo apareceu nos braços de Maria, o Mundo, por Ele e com Ele, elevou-se à transcendência.»*²

E é então que Cristo imerge na sua criação (o seu baptismo) para a «tratar e salvar». Toma sobre si todos os «falhanços» dela, sofrimento e morte, para, através da sua morte e ressurreição, pela sua cruz, no seu Pleroma³, a conduzir ao seio da Trindade.

É por isso que a sua cruz tem uma dupla face: «a face da ascensão da Criação através do Esforço» (“E eu, quando for levantado da terra, hei-de atrair todos a mim” – J 12,32); a

² Teilhard de Chardin, «*Mon Univers*», vol.9 das Obras Completas, Seuil, p.90-91, tradução de M. L. Paixão

³ Decalque da palavra grega *pleroma*, que significa plenitude. Teilhard inspira-se em S. Paulo (Col. 1,19; 2,9) para o uso deste conceito. No seu ensaio de 1918, *Le Prêtre*, usa a expressão “o Pleroma do Mundo e de Cristo”. (*Dictionnaire Teilhard de Chardin*, Gérard-Henry Baudry, Aubin, Saint-Étienne) - NT

face da falta expiada: «O cordeio que leva os pecados do mundo». «E o seu sangue circula e vivifica mais do que se derrama».

«Sob este prisma, a passagem, a transformação que procurávamos entre Redenção e Evolução parece possível.

Um Baptismo onde a purificação se torna um elemento subordinador no gesto divino total de soerguer o Mundo.

Uma Cruz simbolizando, bem mais que a falta expiada, o ascenso da Criação através do esforço.

Um Sangue que circula e vivifica, mais ainda do que é derramado.

O Cordeiro de Deus que transporta, com os pecados, o peso dos progressos do Mundo.

A ideia de Perdão e de sacrifício mudada, por enriquecimento de si mesma, na ideia de Consumação e de Conquista.

Por outras palavras, o Cristo-Redentor perfaz-se, sem nada atenuar da sua face sofredora, na plenitude dinâmica de um CRISTO-EVOLUTOR.

*Tal é a perspectiva que, decerto, se eleva no nosso horizonte».*⁴

Tal é o sentido profundo da flecha do Para o Alto.

3) Passemos agora ao significado da **flecha OR** = **junção do Para o Alto com o Em Frente**

A missão de que Teilhard se sente investido é a de trabalhar para o revigoramento da fé cristã, em direcção ao Para o Alto e ao Em Frente.

*“O Para o Alto cristão incorpora-se (sem nele imergir! mas «sobrenaturalizando-o») no Em Frente humano! E, ao mesmo tempo, é a Fé em Deus, na exacta medida em que ela assimila e sublima, na sua própria seiva, a seiva da fé no Mundo, que retoma o pleno poder de sedução e de conversão! [...] Que se revele, que brote (como começa inelutavelmente a fazê-lo sob a pressão das forças em presença) a possibilidade de crer, simultaneamente e a fundo, em Deus e no Mundo; num Cristo aparecido, não somente como salvador das almas individuais, mas (justamente porque Redentor em pleno sentido) como Motor último da antropogénese. E então, podemos estar seguros, uma grande chama abrasará todas as coisas: porque uma Fé nascerá (ou, pelo menos renascerá), contendo e sintetizando todas as coisas, que é inevitavelmente a Fé mais forte, aquela que, mais tarde ou mais cedo, acabará por possuir a Terra.”*⁵

Por que razão relacionar a procura de Teilhard de unir a fé cristã e a fé no Mundo, Fé e Razão, Fé e Ciência, com o Concílio Vaticano II?

Uma autora chinesa, Wang Hai Yan⁶, num estudo sobre Teilhard, notou que o seu nome tinha sido citado onze vezes, tanto favorável como desfavoravelmente, em pleno Concílio.

⁴ Teilhard d Chardin, *O Cristo Evolutor*, ensaio incluído no tomo 10 das Obras Completas, *Comment je crois*, na versão portuguesa da Ed. Notícias, *A minha Fé*, 2000, pág. 166

⁵ Teilhard de Chardin, *Le Cœur du Problème*, 1949, tomo 5 Obras Completas, ed. Seuil – Sagesses, Paris, 1959, pág. 307-308 (trad.)

⁶ Professora de literatura e cultura francesas na Universidade de Línguas e Culturas de Pequim, autora duma antologia de Teilhard, em chinês.

Recordemos que João XXIII, a quem se deve a iniciativa do Vaticano II, no discurso inaugural apontou a necessidade deste novo concílio: regressar às tradições, ou seja, à Palavra de Deus, numa Igreja renovada, para poder apresentar o testemunho cristão em função do mundo de hoje, para permitir o diálogo da Igreja com o Homem de hoje; daí, as quatro grandes Constituições Conciliares, sobre «a Palavra de Deus», «a Igreja», «a Liturgia» e «a Igreja no mundo do nosso tempo».

Foi precisamente o que, no seu tempo, Teilhard tentou fazer, apoiando-se:

- por um lado, numa nova visão do Mundo, passando de uma visão estática a uma visão evolutiva, graças a um melhor conhecimento do Universo, expresso pela ciência;
- por outro, a partir desta nova luz da ciência, numa nova maneira de viver a Palavra de Deus em Igreja, mais enraizada na história do Universo.

Nesta perspectiva, a visão renovada da Igreja pelo Concílio não coincide com a visão de Teilhard, que vê a Igreja como um *phylum*⁷, ou seja, como corrente dinâmica que possui e transmite, de século em século, um caudal, uma visão, uma vida, que é a vida do Cristo e de quem ela é o Corpo Místico? *«Ela é como uma árvore possante que necessita de raízes ancoradas na terra e de folhas serenamente expostas ao pleno sol (Espírito), simultaneamente elã virado para o Céu, êxtase laborioso e doloroso através da matéria. Enfim, Igreja ampliada e renovada de Cristo, cuja função é saber e poder «cristianizar» todo o humano, o Homem.»* (T. Chardin)

Através deste «*phylum*», a Igreja, o Cristo continua a entregar ao Mundo a sua Palavra e a sua Acção: a sua Palavra, que Teilhard chama Revelação, é a manifestação que Cristo faz do desígnio criador de Deus. Porque a Revelação é o reflexo de Deus na nossa consciência, e, porque o Homem é pessoa, Deus deve influenciá-lo num grau e numa forma pessoal, própria da comunicação entre seres reflexivos. Dito doutra forma, ele deve falar-lhe. Entre inteligências, uma presença não poderia ficar muda.

E o Cristo, que é a Palavra que ilumina, é a Acção por excelência porque criadora. «Tudo foi feito por Ele e sem Ele nada seria feito».

A sua acção foi, na linha da Criação, a sua Incarnação, isto é, a sua imersão, não apenas na humanidade – «E o Verbo fez-se carne» – , mas também a sua imersão no Universo, expressa no seu Baptismo, o seu «mergulho» no elemento líquido da matéria, no dia do seu Baptismo nas águas do Jordão, e, no elemento sólido da matéria, no dia da sua descida ao túmulo.

Tal como no dia do seu Baptismo nas águas do Jordão, ele emergiu para a luz da presença do Pai – «Este é o meu Filho muito amado em quem pus todo o meu amor» – no Dia de Páscoa, ele emergirá da terra sob a acção do Espírito na luz da Ressurreição. Assim, Ele conduzirá, para além da morte, pelo seu Baptismo, o Universo e a Humanidade até ao seio da Trindade para uma Comunhão eterna no amor do Pai sob a acção do Espírito. «Ele tudo recapitulou em si: a terra, o céu, a acção, na qual se resumem todas as outras, e a

⁷ Do grego *phylon*, termo científico significando «feixe» ou «linhagem» no mundo animal, com “capacidade e leis particulares de desenvolvimento autónomo”. Para Teilhard, a Igreja constitui um “*phylum* que se coloca na flecha da hominização como eixo de reunião e convergência das religiões e dos grupos humanos em vias de unificação”. (*Dictionnaire Teilhard de Chardin*, Gérard-Henry Baudry, Aubin, Saint-Étienne) - NT

Eucaristia, o sacramento por excelência, prolongamento natural do acto redentor. «Isto é o meu corpo entregue por vós». «Isto é o meu sangue derramado para a remissão dos pecados da multidude».

A cada instante, o Cristo Eucarístico controla todo o movimento do Universo «porque por Ele, Senhor, tu não cessas de criar todos estes bens, tu os abençoas, lhes dás vida, os santificas e no-los dás» (1ª oração eucarística).

E o Cristo, no fim da sua vida terrestre, deu à sua Igreja o seu Corpo Místico, as seguintes palavras de ordem: «Ide, ensinai todas as nações, baptisai-as» e, na noite de Quinta-feira Santa, no momento em que celebra a Eucaristia, «Fazei isto em memória de mim».

A Igreja está, pois, encarregada de cumprir os actos de Cristo, sob a acção dinamizadora do seu Espírito, para conduzir o Universo, através da acção de atracção do Cristo (o seu Pleroma⁸), até ao seio da Trindade.

Quando lemos os textos do Concílio Vaticano II (as Constituições sobre a Igreja, Corpo Místico de Cristo, sobre a palavra de Deus e sobre a Liturgia, sacramentos, expressões da vontade de restauração e de progresso da vida cristã), descobrimos, olhando para a busca espiritual de Teilhard, quanto ele pressentiu e apelou a uma renovação, à luz duma nova luz projectada sobre o Universo, graças à descoberta da Evolução pela ciência. Não era ele já o profeta que anunciava o Vaticano II, segundo a expressão do seu confrade, o Padre d'Quince?

Esta convergência entre Teilhard e o Concílio nota-se, sobretudo, na 4ª Constituição intitulada «A Igreja no mundo do nosso tempo» (*Gaudium et spes*).

Não é precisamente a vontade da Igreja de reatar o diálogo com o Mundo, o que era já a grande aspiração de Teilhard?

Vejamos os quatro pontos principais desta Constituição:

1. Em primeiro lugar pela sua **Incarnação**, o filho do Homem uniu-se, de algum modo, a todo o homem, fonte da grandeza do mistério do Homem, pessoa digna de entrar em relação com o seu Deus para com Ele estar em comunhão.

O mistério do Homem não se esclarece verdadeiramente a não ser no mistério do Verbo Incarnado. É o homem todo que, n'Ele, é interiormente renovado. Uma vez que a vocação última do Homem é realmente única, ou seja, divina, essa é a grandeza do Homem, esse é o mistério que a revelação cristã faz brilhar: tornando-nos filhos do Filho, chamamos ao Espírito Abba Pai.⁹

E eis como Teilhard colocava em valor a pessoa. É uma grande ilusão que terá atravessado o Homem do nosso tempo ao imaginar que, chegado a uma melhor consciência de si mesmo e do Mundo, já não necessitará da religião, e que a religião será interpretada como um fenómeno psicológico, ligado à infância da Humanidade.

Na realidade, para quem sabe ver, o grande conflito de que estamos a sair mais não fez do que consolidar no mundo a necessidade de acreditar. Atingido um grau superior de autocontrolo, o Espírito da Terra faz a pessoa descobrir uma necessidade cada vez mais vital de adorar: da Evolução universal, Deus emerge, nas nossas consciências, maior e mais necessário que nunca. A verdadeira função da Religião é a de sustentar, de aguilhoar

⁸ Ver nota nº 3

⁹ Ver "Gaudium et spes", nº 22

os progressos da Vida, contrariamente ao que muitos repetem. Quanto mais o Homem for Homem, mais ele sentirá a necessidade de se votar a alguém maior que ele: Deus reflectindo-se pessoalmente nas pessoas pensantes para garantir uma passagem certa, Deus debruçado sobre o espelho da Terra, tornada inteligente, para aí imprimir os primeiros traços da Beleza.¹⁰

Assim, a pessoa humana representa um valor original e indestrutível do Universo, que Deus associa por amor à sua vida divina.

2. A **Incarnação** conduz a humanidade à fraternidade por uma solidariedade nascida da energia unificante de **Cristo**, que faz dela um **povo**, o seu **Corpo místico**, faz do género humano a família de Deus, na qual a plenitude da Fé será o Amor, solidariedade essa que deverá crescer até ao dia em que encontrará a sua coroação em Deus.¹¹

E a visão de Teilhard, na primeira metade do século XX, será este fenómeno da comunidade humana iluminada pela Revelação:

«Entre os elementos humanos, pelo facto da aparição do pensamento, constitui-se um ambiente especial e novo, no seio do qual os indivíduos adquirem a faculdade de se associar e de reagir entre si, já não para a conservação e prolongamento colectivo da espécie, mas para o acabamento duma consciência comum. A socialização, cuja hora parece ter soado para a Humanidade, não significa de maneira nenhuma o fim, mas antes o começo da era da Pessoa.

O amor foi sempre cuidadosamente afastado das construções realistas e positivistas do Mundo. É bem necessário que nos decidamos um dia a reconhecer nele a energia fundamental da vida, ou, se se preferir, o único meio natural em que se possa prolongar o movimento ascendente da Evolução. Sem amor, é verdadeiramente diante do espectro do nivelamento e da sujeição que nos encontramos: o destino da térmita ou da formiga. Com o amor, é o aprofundamento do nosso eu mais íntimo na vivificante aproximação humana. O amor que estreita, sem os confundir, aqueles que se amam e o amor que lhes faz encontrar, nesse contacto mútuo, uma exaltação capaz, cem vezes melhor que todo o orgulho solitário, de suscitar, no fundo deles mesmos, as mais poderosas e criativas originalidades.» (T. Chardin)

No caso do cristão, beneficiando da Revelação, podemos dar um passo mais em frente. O indivíduo não se completa nem existe plenamente a não ser na unificação orgânica de todos os homens em Deus.

Ora este superorganismo místico, imerso, pela Revelação, na graça e na caridade, que o crente pode inflamar e prolongar em «Cristogénese»¹², é a vocação do Corpo Místico de Cristo, que Teilhard definia como a síntese do «Para o Ato» e do «Em Frente».

Por outro lado, a força ascensional cristã engrena-se sobre o mecanismo propulsor da super-evolução humana. É aí que o Cristo se reveste de toda a realidade do Universo, e, ao mesmo tempo, é o Universo que se abrasa em todo o calor e toda a imortalidade de

¹⁰Cf. tomo 6 das Obras Completas de T. Chardin, ensaio *L'esprit de la terre*, ed. Seuil-Sagesses, Paris, pág. 54-59 (NT)

¹¹ Ver "Gaudium et spes", nº 32

¹² "Neologismo formado por Teilhard para designar o desenvolvimento do Cristo total, compreendendo o seu «corpo», que é a Igreja, até à sua consumação no Pleroma" (*Dictionnaire Teilhard de Chardin*, G.-H. Baudry, ed. Aubin, Saint-Etienne, p.24, trad.) - NT

Cristo, como o proclama S. Paulo aos Colossenses: «Pois tudo vem d'Ele, o Cristo, tudo é para Ele, Ele precede tudo, tudo se mantém n'Ele». ¹³

E é assim que este movimento de solidariedade, de comunhão, no plano do «Em Frente», se completa no Cristo total, através do seu corpo Místico que e a Igreja, esse «phylum». Ou seja, essa corrente dinâmica que trabalha para a figura engrandecida e renovada do Cristo.

3. A actividade humana no Universo ¹⁴

Trata-se da sua inserção na marcha da Humanidade em direcção a uma nova morada e a uma nova terra, em que o progresso terrestre se deixa animar pelo crescimento do reino de Cristo. Misteriosamente, o reino de Deus já está presente sobre esta terra através dos valores de dignidade, comunhão fraternal, liberdade, frutos excelentes da nossa natureza humana, purificados, iluminados, transfigurados sob a acção do Espírito de Cristo.

Há que distinguir o progresso terrestre do crescimento do reino de Cristo. Porém, o progresso tem muita importância para o reino de Deus, pois oferece já um esboço do tempo que há-de vir, «esta Terra Nova, estes Novos Céus», anunciados pela Revelação na expectativa do último dia em que Cristo entregará ao Pai o reino eterno e universal: «Reino de verdade e de vida, reino de santidade e graça. Reino de justiça, de amor e de paz». Misteriosamente, o reino está já presente sobre a terra; ele espera a sua perfeição quando o Senhor vier.

Eis aqui como é que Teilhard considerava a actividade humana universal:

«Cada uma das nossas obras, pela repercussão mais ou menos distante e directa que tem sobre o Mundo espiritual, concorre para perfazer de Cristo na sua totalidade mística. [...] Pela operação sempre em curso da Incarnação, o Divino impregna tão bem as nossas energias de criaturas, que, para darmos com ele e o abraçarmos, não poderíamos encontrar meio mais apropriado do que a nossa mesma acção.

Na acção, primeiro, eu adiro ao poder criador de Deus, coincido com ele, eu torno-me não só o seu instrumento mas o seu prolongamento vivo. E como não há nada de mais íntimo num ser do que a sua vontade, eu confundo-me de algum modo, pelo meu coração, com o próprio coração do Deus. [...]

Todo o acrescentamento que faço em mim mesmo ou nas coisas, dá como resultado um aumento do meu poder de amar e um progresso no bendito domínio de Cristo sobre o Universo. O nosso trabalho apresenta-se-nos sobretudo como meio de ganhar o pão de cada dia. Mas a sua virtualidade essencial é muito mais elevada: por meio dele vamos acabando em nós o sujeito da união divina e, mediante ele ainda, fazemos crescer, em certo modo, com relação a nós, o termo divino desta união, Nosso Senhor Jesus Cristo. [...]

Mas por simples confronto das verdades mais fundamentais da nossa fé e da experiência, fomos levados a esta verificação: Deus é inesgotavelmente atingível na totalidade da nossa acção. Esse prodígio de divinização só tem de comparável a doçura com se realiza a metamorfose, sem nada perturbar, a perfeição e a unidade do esforço humano.» ¹⁵

¹³ Cf. Co 1, 13-20

¹⁴ Cf. *Gaudium et spes*, n.º 33-35

¹⁵ *O Meio Divino*, Teilhard de Chardin, ed. Presença, Lisboa, pág. 62-63

4. O papel da Igreja no mundo de hoje

45. *Ao ajudar o mundo e recebendo dele ao mesmo tempo muitas coisas, o único fim da Igreja é o advento do reino de Deus e o estabelecimento da salvação de todo o género humano. E todo o bem que o Povo de Deus pode prestar à família dos homens durante o tempo da sua peregrinação deriva do facto de que a Igreja é o «sacramento universal da salvação», manifestando e actuando simultaneamente o mistério do amor de Deus pelos homens.*

Com efeito, o próprio Verbo de Deus, por quem tudo foi feito, fez-se homem, para, homem perfeito, a todos salvar e tudo recapitular. O Senhor é o fim da história humana, o ponto para onde tendem os desejos da história e da civilização, o centro do género humano, a alegria de todos os corações e a plenitude das suas aspirações. Foi Ele que o Pai ressuscitou dos mortos, exaltou e colocou à sua direita, estabelecendo-o juiz dos vivos e dos mortos. Vivificados e reunidos no seu Espírito, caminhamos em direcção à consumação da história humana, a qual corresponde plenamente ao seu desígnio de amor: «recapitular todas as coisas em Cristo, tanto as do céu como as da terra» (Ef. 1,10). O próprio Senhor o diz: «Eis que venho em breve, trazendo comigo a minha recompensa, para dar a cada um segundo as suas obras. Eu sou o alfa e o ómega, o primeiro e o último, o começo e o fim» (Apoc. 22, 12-13).¹⁶

Face a esta visão do Concílio sobre a marcha do Mundo sob a acção do Espírito de Cristo, atentemos ao que, já em 1927, Teilhard anunciava no seu livro «O Meio Divino»:

«Acreditemos na Revelação, apoio fiel (aqui também) dos nossos pressentimentos mais humanos. Debaixo do invólucro banal das coisas, de todos os nossos esforços purificados e autênticos é que se gera gradualmente a Terra Nova. Um dia, anuncia-nos o Evangelho, a tensão lentamente acumulada entre a Humanidade e Deus atingirá os limites fixados pelas possibilidades do Mundo. E então será o fim. [...] É necessário a todo o custo renovar em nós mesmos o desejo e a esperança da grande Vinda. Mas onde buscar a fonte desse rejuvenescimento? Antes de tudo, é bem claro, num incremento de atractivo exercido directamente por Cristo no seus membros. [...] O sobrenatural é um fermento, uma alma, não um organismo completo. Ele vem transformar a “natureza”, mas não poderia prescindir da matéria que esta lhe apresenta, [...] A espera do Céu não pode subsistir senão com a condição de ser incarnada. Que corpo daremos nós à nossa actualmente? O de uma imensa esperança totalmente humana [...] O progresso do Universo, especialmente do Universo humano, não é uma concorrência feita a Deus, nem um esbanjar vão das energias que ele nos deu. Quanto mais o Homem for grande, tanto mais a Humanidade será unida, consciente e senhora da sua força, – quanto mais bela for a Criação, tanto mais a adoração será perfeita, tanto mais Cristo encontrará, para acrescentamentos místicos, um Corpo digno de Ressurreição. [...] Para desejar a Parusia, não temos senão que deixar pulsar em nós, cristianizando-o, o próprio coração da Terra.»¹⁷

¹⁶ Cf. *Gaudium et spes*, nº 45

¹⁷ *O Meio Divino*, Teilhard de Chardin, ed. Presença, Lisboa, pág. 177-181